

MANUEL RUFINO TEIXEIRA

TRISTÃO VAZ TEIXEIRA

QUEM ERA?



SEPARATA DA REVISTA ISLENHA
Nº 8, Jan. - Jun. 1991



TRISTÃO VAZ TEIXEIRA QUEM ERA?

Manuel Rufino Teixeira

Quem era Tristão Vaz Teixeira, primeiro Capitão-donatário de Machico?

Para tanto, principiemos por examinar o seu nome. Antes, porém, lembremos o que são e como evoluíram os nomes na generalidade, para melhor compreendermos este que nos interessa, o de Tristão Vaz Teixeira:

Os nomes próprios chegaram a ser usados sem qualquer sobrenome nem apelido. Na remota antiguidade praticava-se um só apelido, depois, dois e, mais tarde, muitos. O apelido é um sobrenome que destingue e caracteriza cada família; as algumas também foram, e ainda são, usadas como apelidos. «... aumentando a população... começou a juntar-se

ao apelido o nome da povoação, quinta, honra, vila ou cidade em que o chefe da família tinha jurisdição ou da qual era senhor.» (1) Os patronímicos aparecem com a Reconquista Cristã da Hespanha e tornaram-se regra desde então até fins do século XV, passando depois à condição de apelidos. «Os antropónimos medievais eram constituídos, essencialmente, por um nome próprio — o mais importante e único verdadeiramente fixo — a que se podia ou não juntar um sobrenome, que era sempre ou pelo menos quase sempre, formando por um patronímico e um indicativo de proveniência ou de domicílio, ou uma alcunha, que podiam ou não, um e outra, transformar-se em apelido de família. Este sistema vigo-

rou entre nós até aos fins do século XV, para vir a desagregar-se na centúria seguinte. Continuaram no entanto a existir bastantes casos em que ele ainda era conservado.» (2)

O nome próprio podia ser usado só por si quando suficientemente raro, «Amadis», «Lançarote», «Tristão», ou no ambiente peculiar do seu portador por assim bastar para identificá-lo, e, ainda, antecedido por um prenome, «Dom», «Frei», ou seguido de um desinutivo «da Ilha», «Cavaleiro de minha casa», etc.

Tristão

No caso em apreço temos, Tristão, referido só por si, como acontece por ser nome raro ligado à importância social do seu portador. Efectivamente, na época, não nos lembra, através da História de Portugal outro Tristão com a autoridade de Tristão Vaz Teixeira na sua qualidade de Cavaleiro da Casa do Infante Dom Henrique e de Capitão-donatário da Ilha da Madeira. Aliás, Tristão, era nome pouco comum usado quase geralmente por pessoa fidalga por tratar-se de um nome de herói nos romanceiros de Cavalaria e, a sua raridade pode ser confirmada através de estudos, como um de Iria Gonçalves (3) relativo ao século XV, em que foram isolados 962 nomes masculinos distribuídos pelos seguintes números de indivíduos: João, em 203; Fernão ou Fernando, em 101; Afonso, em 72; Rui ou Rodrigo em 66; Diogo, em 64; Pero ou Pedro, em 56; Gonçalo, em 50; Martim ou Martinho, em 44; Álvaro, em 41; Vasco, em 38; Luís, em 30; Lopo, em 27; Estevão, em 24; Lourenço, em 19; Gomes, em 19; Nuno, em 18; Gil, em 16; André ou Andrés, em 15; Mem ou Mendo, em 11; Vicente, em 7; Brás, em 5; Aires, em 4; Bartolomeu, em 3; Cristóvão, em 3; Dinis, em 3; Domingos, em 2; Filipe, em 2; Garcia, em 2; Heitor, em 2; Henrique, em 2; Tristão, em 2; Antão, em 1; Barnabé, em 1; Duarte, em 1; Grave, em 1; Gregório, em 1; Guilherme, em 1; Jorge, em 1; Marcos, em 1; Mateus, em 1; Paio, em 1; Simão, em 1. É ainda Iria Gonçalves que afirma: (4) «No século XV podemos verificar que na sua grande maioria as denominações tinham sido enobrecidas por um Santo, quer ele tivesse o seu nome escrito no Novo Testamento (João, Pedro, Isabel, Maria, André, Filipe, Bartolomeu, Estevão) ou estivesse ligado a épocas mais ou menos posteriores (Inês, Lourenço, Gregório, Helena, Martinho, Domingos, Luís, Brígida); quer estivesse relacionado com a nossa terra (Iria, Gil, Brás) quer não (Catarina, Cecília, Cristóvão, Dinis e tantos mais). Isto não significa que outros nomes não fossem também usados, merecendo uma referência especial alguns de evidente introdução literária, como Heitor, Tristão, Policena, todos eles, aliás, de pouca frequência». Nas cartas de perdão passadas em 1451 por D. Afonso V a pessoas envolvidas no assalto à Judiaria Grande, de Lisboa, em Dezembro de 1449 (5) os nomes masculinos encontrados, num total de 56, são os seguintes: João, 15; Afonso, 7; Gonçalo, 6; Álvaro, 4; Vasco, 4; Luís, 4; Pedro, 3; Rodrigo, 3; Martim, 2; Lourenço, 1; Jaime, 1; Estevão, 1; Antão, 1; Bartolomeu, 1; Fernão, 1; Anselmo, 1; André, 1. Entre 76 fidalgos que acompanhavam o Rei Dom João I, a caminho de Aljubarrota em 1385 (6) podemos contar os seguintes nomes: João, em 12; Martim, em 10; Vasco, em 7; Rui, em 6; Álvaro, em 6;

Estevão, em 5; Afonso, em 3; Lopo, em 3; Pedro, em 3; Diogo, em 3; Nuno, em 3; Gonçalo, em 2; Fernão, em 2; Gil, em 2; Lourenço, em 2; Rodrigo, em 2; Antão, em 1; Egas, em 1; Jaime em 1; Fernando, em 1; Mem, em 1. Parece-nos suficientemente demonstrada a raridade do nome, Tristão, ao tempo, para compreendermos que este nome possa ser usado sem mais apelido identificador do seu portador tanto mais que, no maior número de vezes ele é acompanhado por um indicativo, «da Ilha», «cavaleiro da minha casa» facto que continua a revelar a condição de único ou o do mais destacado na «Ilha» ou como «cavaleiro da casa do Infante», Tristão da Ilha ou, Tristão cavaleiro de minha casa. Invoquemos Gaspar Frutuoso quando diz: «Este Capitão de Machico foi tão estremado por seu esforço naquele tempo que servia o Infante Dom Henrique, que comumente lhe chamavam Tristão, sem mais sobrenome, por honra de sua cavalaria...» (7) ou Diogo Gomes de Sintra, «miles quidem nomine Tristão» (8).

Por mera curiosidade e ainda para confirmar a alta condição social da maioria dos portadores do nome, Tristão, damos seguidamente três exemplos, todos de indivíduos que viviam no século XV: Tristão Coutinho filho de Dom Fernando Coutinho, Marechal do Reino em 1476 (9); Tristão Afonso «que matou um frade da Ordem de São Domingos o qual por diversas vezes o injuriara chamando-lhe rapaz e outras desonestas palavras e não cessava de lhas dizer e o doestar e desonrar...» Mais tarde ofereceu-se para participar na Cruzada contra os Turcos. Obteve carta de perdão em 1456; (10) «... o escudeiro Tristão Álvares, o qual trazia «huua spadaçinta». (Participou na Batalha de Alfarrobeira em 1449). (11)

Vaz

Vaz é um patronímico de Vasco que, por tal, quer dizer filho de Vasco. Na época, funcionava tão somente como patronímico. Assim temos que, Tristão Vaz, quer dizer Tristão filho de Vasco.

Só no final do século XV os patronímicos passaram à condição de apelidos. Quem nomeia Tristão por Tristão Vaz? Os autores que não viveram na época em que bastava dizer Tristão ou Tristão da Ilha mas que o sabiam Vaz. Autores de épocas posteriores que, então, sentiram a necessidade de mais específica identificação sem contudo se enfadarem a invocar todo o nome. Na verdade, é vulgar referirmo-nos a qualquer pessoa abreviando-lhe o nome por uma questão de comodidade. Torna-se portanto compreensível que se enuncie apenas o bastante à identificação do indivíduo poupano-nos ao trabalho de nos gastarmos com o que se torna inútil de um nome mais completo. Tristão Vaz é o tratamento dado por autores já do século XVI em que os patronímicos se haviam transformado em apelidos, e, são eles João de Barros em 1552 e Gaspar Frutuoso, 1522-1591.

Teixeira

Ainda é no século XV que Tristão é nomeado por Tristão Teixeira.

O seu contemporâneo Luis de Cadamosto em 1445 ao referir-se à Madeira diz que «Esta Ilha da Madeira fê-la povoar o dito senhor pelos próprios

Portugueses também há vinte e quatro anos a qual nunca antes foi habitada; e fez governadores dela dois seus cavaleiros, um dos quais se chama Tristão Teixeira, e este tem a metade da ilha da parte de Machico». (12)

Valentim Fernandes, em 1507, diz: «Em a crónica do primeiro descubrimento de Guynee achei q no año de 1418 Johā Gonçalvez Zarco e Tristā Teixeyra hindo em hua barcha pera Guynee cō velo cōtrayto acharō a ylha do Porto Santo...» (13) mais adiante escreve: «E cōsiderādo como aquelles dous homēs, Johā Gonçalvez e Tristā Teixeyra forō começo da sua pouoraçā deu-lhes a principal governaçā da ylha». (14) e, ainda, esta passagem curiosa; «E segūdo q os outros dizem q Johā Gonçalvez Zarco e Tristā Teyxeyra forā em hūa barcha para descobrir a Guynee e cō tempo fortuito foró ter a esta ylha pelo qual forō dar nouas ao iffāte dō Anrique e pedir lhe liceça pera a pouar, ho q lhes foy cōcedido. Os quais levarō em sua Cōpanhia a Bartolomeu Peroestrello fidalgo o qual como homē poderoso se meteo em posse desta ylha do Porto Sancto, pelo qual os outros dous se passarō a ylha de Madeira, a Machico, onde tambē Tristā Teixeyra como mais poderoso que Johā Gonçalvez se meteo alli e posse onde foy forçado ao dito Johā Gonçalvez de buscar outro lugā pera se meter assi q os outros dous cuydauā q tinhā ho melhor». (15)

Leonardo Torriani, de Cremona, por 1587, escrevia: «De toda a receita sua Magestade paga a décima parte aos descendentes dos dois gentis homens Tristão Teixeira e João Gonçalves Zarco que foram os primeiros que encontraram esta ilha conforme acordo entre eles e o citado Infante». (16)

Em 1806, Medina e Vasconcelos no seu poema Zargueida celebra nesta estrofe:

Descoberta a frondifera Madeira,
Por graça de João Primeiro, o Zargo
Em prémio desta Acção tão lisonjeira
Terá de Donatário dela o cargo:
Entre este Heroi e um célebre Teixeira
Se partirá da ilha o torrão largo,
Terá aquelle do Funchal a herança,
E estoutro de outra parte a governança. (17)

Contemporaneamente, é o historiador Duarte Leite que, em 1958, tem a seguinte afirmação: «No texto de Zurara ... que o arquipélago foi realmente descoberto por João Gonçalves que alcunhavam de Zarco ou melhor Zargo (zarolho), e Tristão, que era Teixeira, mas comumente dito da ilha;» (18).

Tristão Vaz Teixeira

Pelo exposto, o nome de Tristão Vaz Teixeira só pode ter a seguinte interpretação: Tristão (nome próprio), Vaz (patronímico=filho de Vasco), Teixeira (apelido); logo, Tristão filho de Vasco Teixeira. Sendo assim, e não outra coisa, Tristão Vaz Teixeira é nomeado em 1563 por António Galvão quando diz: «No ano de 1418. Vendo João Gonçalves o Zarco, e Tristão Vaz Teixeira, cavaleiros da casa do Infante, os desejos que ele tinha de descobrir terra;» (19) e, logo a seguir, em 1567, é Damião de Goes que o afirma, «Tornados estes nauios hū João Gonçalves Zarco dalcunha, & Tristā vaz Teixeira pela vontade

q. viam no Infante, de cuja criaçā erā, lhe pedirão que fosse sua mercē servirsse dellos no tal negocio, do q. ho Infante houvesse prazer, & lho agradeceo muito...» (20)

António Cordeiro em 1717 diz «... deram os mesmos Príncipes a Tristão Vaz Teixeira, Cavaleiro da Casa do Infante, e por antonomásia chamado comumente o Tristão, de cuja ilustre ascendência e descendência em seu lugar trataremos.» (21) e mais adiante volta a afirmar que, «O primeiro Capitão foi Tristão Vaz Teixeira, que pela singular cavalaria, nobreza e obras, foi sempre chamado o Tristão sem usar de outro apelido...» (22).

Na carta de Brasão de Armas passada em 10 de Fevereiro de 1751, ao Capitão Braz Luís de Freitas Drummond de Aragão, natural da Ilha da Madeira e descendente de Henrique de Lordelo, lá se afirma que, «o dito Henrique de Lordelho, filho de João de Lordelho e de sua mulher Isabel Teixeira, filha de Tristão Vaz Teixeira, primeiro Capitão Donatário de Maciçio e de sua mulher Branca Teixeira:» (23)

Em um manuscrito do século XVIII da Biblioteca da Universidade de Coimbra pode ler-se «... Tristão Vaz Teixeira... lhe deu na mesma ilha a Capitania de Machico.» (24).

E em jeito de remate, esta afirmação de Dom Luís de Lancastre e Távora, «... e Tristão Vaz Teixeira... descendente da nobre linhagem dos Teixeiras que detivera o senhorio da terra desta designação dela tirando o apelido...» (25).

Primo de sua mulher Branca Teixeira

É da tradição que Tristão Vaz Teixeira e sua mulher Branca Teixeira eram parentes, possivelmente primos.

Nada há de extraordinário nisto, pelo contrário, tudo leva a crer que assim era. É, o facto de os ca-



Tristão Vaz, gravura in *História de Portugal*, de Pinheiro Chagas.



Armas dos Teixeiras.
Capela de S. João, Igreja Matriz de Machico.

samentos entre primos, que ainda hoje são frequentes, serem banalidade durante toda a Idade Média; é, o facto de o apelido ser o mesmo, *Teixeira*; são as declarações de diversos historiadores; são, inclusive, os documentos oficiais tais como justificações de nobreza, etc.

Para confirmação do que se diz, procuraremos um pouco de tudo: Branca *Teixeira* é assim nomeada no século XVI, por Gaspar Frutuoso, (26) e, em 1717 é António Cordeiro que afirma «... *foi casado com uma fidalga, que devia ter com ele algum parentesco, pois se chamava Branca Teixeira e procedia da ilustríssima casa de Vila Real...*» (27). Por 1732, é José Soares da Silva que diz ao referir-se a Tristão Vaz *Teixeira* «... *o seu casamento, que como trazem alguns Nobiliários, foi com Dona Branca Teixeira (dizem que sua parente) dos Teixeiras de Vila Real, Senhores de Teixeira, Casa de igual nobreza, que antiguidade.*» (28).

Numa justificação de nobreza de João António *Teixeira de Figueiroa* feita em Lisboa em 1762 pode ler-se «*Quinto neto de Gaspar Mendes de Vasconcelos e de sua mulher Catarina Teixeira que era filha 4^a de Tristão Vaz e de sua mulher Branca Teixeira Senhores que foram da Villa de Machico e de seu território que compreendia 12 léguas de comprido e 4 de largo, e descendiam da verdadeira família dos Teixeiras, Senhores do Julgado de Teixeira, que procedem de Dom Fafes Luz, Alferes Mór do primeiro Rey deste Reyno.*» (29)

Em uma outra justificação de nobreza, esta do ano de 1662, de Belchior de Mendonça Drumond, feita em Santa Cruz, da Madeira, declara a testemunha António Gouveia *Teixeira, o Velho*, da governança daquela vila «*que é verdade que o supte. prosede do tronco do Capitam de Machico o primeiro q. a esta capitania veio da casa de villa real primo de João Rodrigues Teixr^a. fidalgo da casa de sua magestade conforme huns papeis antigos q. elle supte. tem visto.*» (30).

A Heráldica

Examinado que está o nome de Tristão Vaz *Teixeira*, debrucemo-nos, agora, sobre o seu brasão de armas. Convém notar que dos três primeiros povoadores e Capitães donatários do Arquipélago da Ma-

deira, Bartolomeu Perestrello, Tristão Vaz *Teixeira* e João Gonçalves Zarco, apenas a este último foram concedidas armas novas, por el-Rei Dom Afonso V, em 1460, facto que só pode levar-nos à conclusão de que apenas o Zarco não possuía armas próprias. Na realidade já eram conhecidas as armas dos Perestrellos, de origem Lombarda e recente estabelecimento em Portugal (31) e ainda mais as dos *Teixeiras*, família de origens ancestrais portuguesas (32).

A heráldica é uma ciência concreta, «*É o conjunto de preceitos que regulam a forma por que se devem simbolizar acontecimentos, basilarmente de ordem histórica, que parecem conveniente perfectuar.*» (33). Então, recorramos a esta ciência para fazermos, correctamente, a leitura do brasão de armas que se encontra encastado no arco gótico, da Capela de São João Baptista, a Capela dos *Teixeiras*, na Igreja Matriz de Machico, cujo brasão de armas nos fornece todas as indicações sobre a origem do primeiro Capitão de Machico.

O dito brasão é composto por um escudo, de azul, partido, tendo na 1^a partição uma Ave Fenix, de ouro (?) e na 2^a partição a Cruz, de ouro, potente, dos *Teixeiras* e, em diferença, nesta 2^a partição uma flor-de-lis, solta.

A Fenix, porque nasceu do fogo, simboliza a pureza e a ressurreição. Não há vestígios dela nas chancelarias do Reino e não faz parte da heráldica de mais nenhuma outra família portuguesa além da dos *Teixeiras* de Machico. São, fatalmente, armas assumidas, como o eram a maioria delas, à época, e foram assumidas pelo primeiro Capitão, Tristão, que as juntou às dos *Teixeiras* como a dizer que, aqui, surgia um novo tronco desta família; que ressurgiam, através dele, como cavaleiro, como povoador e como capitão donatário, na sua forma mais pura, os nobilíssimos *Teixeiras*. E a confirmar que o senhor das novas armas assumidas, a Fenix em campo azul, era um *Teixeira*, lá está a flor-de-lis, solta, nas armas desta família, a qual, segundo as leis da Armaria, quer dizer isso mesmo, que as ditas armas vinhão aquela geração por via do avô paterno, o que nos garante serem elas pertença de Tristão que por isso é Tristão Vaz *Teixeira*, o mesmo que, Tristão filho de Vasco *Teixeira* (34).

Vasco *Teixeira*

Nasceu Tristão Vaz *Teixeira*, sem margem para dúvidas, nos finais do século XIV porque «*viveu 80 anos, governou 50, e faleceu em Silves no ano de 1470*» (35) o que dá o início do reconhecimento da Madeira por 1420, tendo vindo já casado e com filhos, é certo o seu nascimento no final da centúria de trezentos. Ora, exactamente, nos finais deste século XIV existiam três Vascos *Teixeira*, dois deles irmãos, um Vasco Gonçalves de *Teixeira*, outro, Vasco Anes de *Teixeira*, ambos filhos de João Gonçalves de *Teixeira* que era por sua vez irmão de outro Vasco Gonçalves de *Teixeira*, estes dois, filhos de Gonçalves de *Teixeira*, Senhor da Honra de *Teixeira*, freire da Ordem do Hospital e cavaleiro da Ordem de Malta.

Aquele João Gonçalves de *Teixeira*, depois, Senhor da Honra de *Teixeira*, foi alcaide de Obidos, etc (36) e foi grande valido de el-Rei Dom Fernando I e seguiu o partido da filha do seu soberano, a rainha

Dona Beatriz, a quando da revolução de 1383 que terminou com a Batalha de Aljubarrota em 1385, tendo morrido no campo de batalha juntamente com seu filho herdeiro Gonçalo que igualmente seguia a causa de Dona Beatriz. Do outro lado da contenda, com Dom João I, de Portugal, estavam os filhos segundos, Vasco Gonçalves de Teixeira que foi armado cavaleiro pelo Rei, antes da Batalha, e Vasco Anes de Teixeira o primeiro dos quais foi afinal e por mercê real o herdeiro de todas as honras e mais bens de seu pai e avós. É a partir destes Vascos de Teixeira que surgem e se registam pela primeira vez nas genealogias do Reino e se passam a registar futuramente os Vaz Teixeira, Vaz como patronímico que era e depois transformado em apelido.

Assim, Vasco Gonçalves de Teixeira casou com Catarina Anes de Barredo, de quem teve João Vaz Teixeira e Pedro Teixeira. Este Pedro Teixeira casou com Dona Joana Martins de Macedo e dela teve, entre outros, a Gonçalo Vaz Teixeira.

O Vasco Anes de Teixeira fez a Gonçalo Vaz Teixeira (37).

Do outro Vasco Anes de Teixeira desconhecemos qual a descendência mas é fácil admitir que, por sua vez, tenha sido tronco de Vaz Teixeira.

Teixeira

Teixeira é freguesia muito anterior ao século XII, cuja sede, construída na margem direita do rio Teixeira, tem pelourinho.

«Da crista do Marão por onde trepa a estrada da Régua e chamam Padrões da Teixeira, olhai lá em baixo onde as gargantas da serra acabam em enorme bacia de fragas acasteladas, e vereis alvejar por entre mórros de penedias uma casa que, em 1811, ainda campeava torreada como solar que tinha sido...

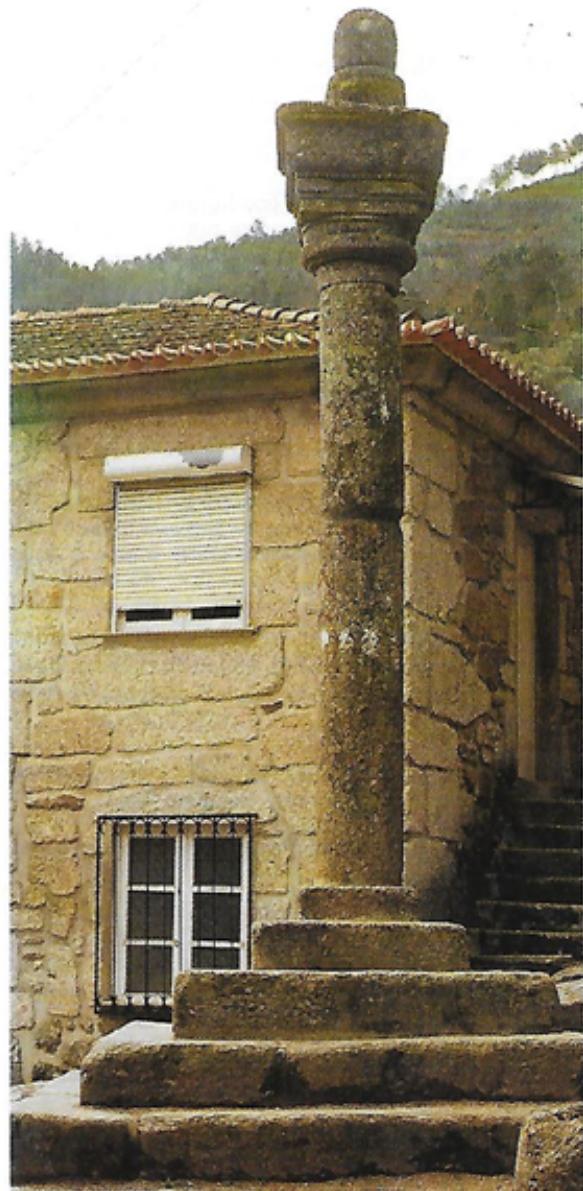
Já não alcancei relíquia alguma do paço feudal que se desconjuntava na decrepidez de sete séculos em 1810. As torres e ameias, os poderosos batentes e ombreiras, os arcos das gelosias, as grosseiras colunas monolíticas, os balaustrados das varandas internas à volta do pátio claustral, os restos enfim do século XII mesclados com reparos no primor da era manuelina, tudo estava cimentando um vasto palacete afeitado com todos os arrebiques de uma arquitetura fantasiosa» (38).

Era aqui a honra de Teixeira que a Dom João Ribeiro Gaio, Bispo de Malaca, inspirou a seguinte quintilha.

«Junto está de Mesão Frio,
esta Teixeira antiga,
gente foi de grande brio
e naquela forte briga
nunca mostrou o fio»

e a Manuel de Sousa da Silva mereceu esta outra poesia:

«Para a honra de Teixeira
Os de Lanhoso vieram
Aí seus filhos viveram
Que o nome da primeira
deixaram, este tiveram»



Pelourinho de Teixeira, Baião, Mesão Frio, Vila Real.

É que os de Teixeira são continuação dos de Lanhoso, conforme se pode ver do seguinte esboço genealógico:

O CONDE DOM FAFES SERRACIM DE LANHOSO, Rico-homem que era neto de Dom Favila, Rei das Astúrias, segundo neto de Pelágio (699-737), fundador da Monarquia Asturiana, e terceiro neto de Favila Duque de Cantábrica, morreu na batalha de Aguademayas (1070). Casou com Dona Oroana Mendes e teve a Dom Godinho Fafes.

DOM GODINHO FAFES, Rico-homem foi o que fundou e coutou o Mosteiro de Rendufe, casou com D.N. e teve a Dom Fafes Luz.

DOM LUÍS DIO FAFES - 1109

DOM FAFES LUZ, Rico-homem, Alferes-Mór do Conde Dom Henrique de Portugal governou Lanhoso de 1110 a 1115. Casou com Dona Frolhe Veegas e

teve, entre outros, a Dom Egas Fafes de Lanhoso.

DOM EGAS FAFES DE LANHOSO, Rico-Homem, achou-se na batalha de Ourique (1139). Casou com Dona Urraca Mendes de Sousa e teve, entre outros, a Dom Mem Veegas.

DOM MEM VEEGAS, Rico-homem, casou com Dona Tareja Peres, e teve, entre outros, a Dom Hermigo Mendes de Teixeira.

DOM HERMIGO MENDES DE TEIXEIRA, Rico-homem, primeiro Senhor da Honra de Teixeira, pelo qual se chamou de Teixeira e seus descendentes usaram o mesmo apelido. Achou-se na conquista de Sevilha (1248). Casou com Dona Maria Paes e teve, entre outros, a Dom Estevão Hermiges de Teixeira.

DOM ESTEVÃO HERMIGES DE TEIXEIRA, Rico-homem, Senhor da Honra de Teixeira, casou com Dona Urraca Fernandes e teve, entre outros, a João Esteves de Teixeira.

JOÃO ESTEVESES DE TEIXEIRA, Rico-homem, Senhor da Honra de Teixeira, casou com Dona Guiomar Lopes Gato e teve, entre outros, a Gonçalo Anes de Teixeira.

GONÇALO ANES DE TEIXEIRA, Rico-homem, Senhor da Honra de Teixeira, freire da Ordem Hospital e Cavaleiro da Ordem de Malta, deixou, entre outros, a João Gonçalves de Teixeira e VASCO GONÇALVES DE TEIXEIRA.

JOÃO GONÇALVES DE TEIXEIRA, Rico-homem, Senhor da Honra de Teixeira, Alcaide-Mór de Óbidos, etc., viveu no tempo de el-Rei dom Fernando e tomou o partido da Rainha Dona Beatriz tendo morrido na batalha de Aljubarrota em 1385. Deixou os seguintes filhos: VASCO GONÇALVES DE TEIXEIRA e VASCO ANES DE TEIXEIRA. (39)

Quem era Tristão Vaz Teixeira?

Foi, Tristão Vaz Teixeira, escudeiro da Casa do Infante Dom Henrique «com quem se achou na tomada de Ceuta e Palanque de Tanger, onde o armou de sua mão Cavaleiro» (40) era escudeiro nobre «da criação daquele Senhor» (41). Esteve no reconhecimento do Porto Santo e da Madeira, com João Gonçalves Zarco, em 1419. Tristão foi Capitão donatário de metade da Ilha da Madeira da parte de Machico e seu povoador confirmado por carta de 8 de Maio de 1440 «...dou carregos a Tristam cavaleiro de minha Casa...» (42).

Casado com sua parente Dona Branca Teixeira, dela teve quatro filhos, Tristão Teixeira, Henrique Teixeira, João Teixeira e Langarote Teixeira e oito filhas, Tristoa, Isabel, Branca, Catarina, outra Catarina, Guiomar, Solanda e Ana. (43)

Fundou em Machico «duas igrejas: a da Conceição onde funcionava um vigário; e a de S. Salvador, hoje da Misericórdia» (44).

Ao serviço do Infante, na esquadra que saiu de Lagos para ir à Costa da Guiné, contra a Ilha de Tider (1445) entre os vários Capitães estava «Tristão, um dos Capitães da Ilha que foi ai pessoalmente com uma caravela». (45) Mais tarde, «Tristão, um dos Capitães da Ilha da Madeira, armara uma caravela para ir em companhia com as outras. E como quer que ele tivesse bom desejo para serviço do Infante e muito ao seu proveito, que era homem assaz cubicoso, tal foi sua ventura que tanto que passou o Cabo Branco, logo lhe o vento foi contrário, com o qual tornou atrás; e pero depois trabalhasse assaz por tornar a seguir sua primeira viagem nunca mais pode encher suas velas senão de vento contrário, com o qual se tornou para a Ilha donde antes partira». (46) Em 1446 uma esquadra «dirigiu-se à Ilha da Madeira, por ordem do Infante, para receber alguns viventes e ajustar-se com outras duas caravelas, uma de Tristão Vaz e outra de Garcia Homem, genro de João Gonçalves da Câmara. Daqui foi à Gomera entregar os Canareos que João de Castilha e outros



Pintura a óleo (1921) no tecto do Salão Grande do edifício da antiga Junta Geral, actualmente Escola Preparatória de Bartolomeu Perestrelo, Funchal.

comandantes de sua conserva haviam dali trazido, como já se disse. Gil Anes quis aproveitar-se do auxílio destes Canareos para dar um assalto à Ilha de Palma o que não produziu o efeito que esperava, pela vigilância dos habitantes; e as duas caravelas da Madeira, que só a isto vinham, retiraram-se para a sua Ilha.» (47)

Competindo-lhe a jurisdição do civil e do crime, salvaguardadas para o Rei as penas de morte ou talhamento de membro, ultrapassou, certa vez, os seus poderes, mandando talhar membro a um tal Diogo Barradas, fidalgo, a quem dera guarda, o qual, em sua própria casa abusara de sua filha Ana. Denunciado ao Rei, este, por carta de 17 de Fevereiro de 1452 «... vendo o que nos asy dizia e pedia, vista a causa que o dito Tristam teue pra fazer o dito mall ao dito barradas e o perdam que lhe fez. E, querendo lhe fazer graça e merçee; temos por bem e perdoamoslhe a nossa justiça...» (48).

Em seu testamento, mandou «que por dia de Nossa Senhora de Agosto em cada ano lhe digam uma missa cantada con seu responso e oferta» e para satisfazer as despesas da sua Capela de missas, deixou Tristão Vaz o sítio da Terça, em Santa Cruz, «da borda do mar até à serra e o encargo de velar por ela «aos vigários da vila de Machiquo» obrigação que cumpriram até 1853. (49)

Tristão Vaz Teixeira, «viveu 80 anos, governou 50, e faleceu em Silves no ano de 1470».

NOTAS

- 1 «Dornellas — Investigação histórica deste apelido», in *Separata do Tombo Genealógico de Portugal*, Lisboa 1912, por Afonso de Dornellas.
- 2 *Imagens do Mundo Medieval*, p. 70. Livros Horizonte, 1988, por Iria Gonçalves.
- 3 Ob. cit. p. 73-74.
- 4 Ob. cit. p. 78.
- 5 *Marginalidade e conflitos sociais em Portugal nos séculos XIV e XV*, p. 125-132, Editorial Presença, 1985, por Humberto Baquero Moreno.
- 6 *Memórias para a História de Portugal que comprehendem o governo do Rey Dom João I*, Tomo terceiro, 1732, p. 1233-1234, por José Soares da Silva.
- 7 *Saudades da Terra - Livro Segundo*, Gaspar Fru tuoso.
- 8 Relação, f. 289 do Códice iluminado nº 154 da Biblioteca Nacional, Diogo Gomes de Sintra.
- 9 Humberto Baquero Moreno, ob. cit. p. 177.
- 10 *Tensões sociais em Portugal na Idade Média*, p. 100, Livraria Athena Editora por Humberto Baquero Moreno.
- 11 Idem, idem, p. 102.
- 12 *Prima navigazione, e Viagens de Luis de Cadamosto e Pedro de Sintra*, ed. da Academia Portuguesa da História, Lisboa MCMXLVIII, p. 109 «Questa Isola de medera ha fato habitar el prefato signor Infante da propi portagalesi por da 24 anny in qua la qual per auanti mai non fo habitada et ha fato go uernadori de quella duj soi caualeri di quelli luno anome Tristam Tessera e costui tien la mitade de li xola dela parte de monchico».
- 13 *O manuscrito Valentim Fernandes*, ed. da Academia Portuguesa da Historia, Lisboa MCMXL, p. 109.
- 14 Idem, idem, p. 110.
- 15 Idem, idem, p. 113.
- 16 Arquivo Histórico da Madeira, v. I, p. 12, *Um manuscrito quinhentista italiano, que trata do Arquipélago da Madeira*, por J.L. de Brito Gomes «Di tutte queste intrate sua Maestà paga la decima parte à descendenti de i doi gentiluomini Tristam Tessera et Giovan Gonzalez Zarco, che furono i primi che ritrouvarono questa Isola, con questi patti fra loro et il prodetto Infante don Enrico».
- 17 *Zargueida*, VI do Canto VI, Lisboa 1806, Francisco de Paula Medina e Vasconcelos.
- 18 *História dos descobrimentos*, p. 271, Lisboa 1958, Duarte Leite.
- 19 *Tratado dos Descobrimentos*, 3^a ed. p. 118, Porto 1944, António Galvão.
- 20 *Crónica do Príncipe dom Joam*, p. 17-18, Coimbra MDCCCV, Daimião de Goes.
- 21 *História Insulana*, L. III, cap. V, p. 71, António Cordeiro 1717.
- 22 Idem, idem, Liv. VI, cap. IX, p. 79.
- 23 Arquivo Heraldico — Genealógico, p. 116-117, nº 457, Visconde de Sanches de Baena. Registada no *Tombo do Registo Geral da Câmara Municipal do Funchal*, v.11, p. 42, ARM. «Carta de Brasão de Armas passada a Braz Luis de Freitas Dornond de Aragão (Capitão) natural da Ilha da Madeira, filho de António de Aragão e Teixeira e de sua mulher D. Mariana Vieira de Sousa; neto paterno de André de Freitas Dornond e de sua mulher Archangela Cordeiro de Sampaio, filha de Gérónimo Cordeiro de Sampaio e de sua mulher Simoa de Almeida Pereira; bisneto de Manuel de Freitas Dornond e de sua mulher Maria de Aragão; Terceiro neto de André Afonso Dornond instituidor da Capella de Nosa Senhora da Piedade do Convento de São Bernardino no lugar de Câmara de Lobos da dita Ilha o qual militou com o dito seu filho na Índia, e de sua mulher Branca de Atouguia; quarto neto de Gonçalo de Freitas Dornond e de sua mulher Beatriz Lopes filha de Pedro Lopes Teixeira; quinto neto de João Escórcio Dornond e de sua mulher e sobrinha Guiomar de Lordelho, filha de João de Freitas Correa, fidalgo Cavaleiro da Casa Real, fundador da egreja e coligada da vila de Santa-Cruz e de sua mulher Guiomar de Lordelho, filha de Henrique de Lordelho e de sua mulher e tia Guiomar Escórcio, filha de João Escórcio Dornond e de sua mulher Guiomar de Lordelho; e o dito Hen-

- rique de Lordelho, filho de João de Lordelho e de sua mulher Isabel Teixeira, filha de Tristão Vaz Teixeira, primeiro Capitão Donatário de Machico e de sua mulher Branca Teixeira: e o dito João de Freitas Correa filho de Gonçalo de Freitas, monteiro-mor do Infante Dom Fernando, e de sua mulher Maria de Vao Iois; sexto neto pela dita varonia de João Dormond, natural do reino de Escócia, o qual vindo à ilha da Madeira, nella casou na villa de Santa-Cruz com Branca Affonso irmã do primeiro vigário da mesma villa e foi tronco comum das famílias de Escorciós e Dormonds, do qual era filho; quarto neto de João Dormond, senhor de Escobar no dito reino de Escócia, e irmão da reina Anna Bella, mulher de el-rei Jacob de Escócia, de quem descendem os reis de Inglaterra, e na melhor opinião todos os mais reis e príncipes da Europa.
- 24 Nobiliário Genealógico de Diogo Gomes de Figueiredo, manuscrito 657, Tomo I, f. 171 - Teixeiras Capitães de Machico - Biblioteca da Universidade de Coimbra.
- 25 Oceanos, nº 1, Junho de 1989, *A origem social dos Navegadores*, Luís de Lencastre e Távora (Marquês de Abrantes).
- 26 *Saudades da Terra - Livro Segundo*, Gaspar Frutuoso.
- 27 *Istória Insulana*, L. III, cap. IX, p. 79-80, 1717, Antônio Cordeiro.
- 28 *Memórias para a História de Portugal que comprehendem o governo del-rei dom João I*, tomo primeiro, p. 402, (1732), José Soares da Silva.
- 29 Ascendência de João António Teixeira de Figueiroa, f. 109 do Nobiliário Genealógico da ascendência de João António Teixeira Figueira da Câmara e de outras famílias que passaram a viver na Ilha da Madeira no tempo do seu descobrimento. Manuscrito in-fol. em 3 volumes, biblioteca da Universidade de Coimbra, nº 653-654.
- 30 Arquivo Histórico da Madeira, v. III, p. 123.
- 31 Bartolomeu Perestrelo era filho de Filipone Perestrelo, que os nobiliários dão como vindo para Portugal nos fins do século XIV, sendo natural de Placencia, na Lombardia, e filho de Gabriel Perestrelo, fidalgo de linhagem, cujos privilégios foram reconhecidos no nosso país. Elucidário Madeirense, ver Perestrelo.
- 32 Vocabulário Heráldico, Edições Mama Sume, p. 143, Luís Stubbs S.M. Bandeira.
- 33 A família dos Teixeiras é uma das antiquíssimas de Hespanha, e nenhuma tem princípios mais ilustres, Arquivo Heráldico Genealógico, p. CLXX (Teixeira), Visconde de Sanches de Baena.
- 34 Se as armas são do avô paterno da pessoa a quem a carta de brasão é concedida a diferença será uma peça solta, «Heráldica», edição Verbo (1969), p. 131, Gastão de Mello de Matos e Luís Stubbs Saldanha M. Bandeira.
- 35 Memórias Seculares e Eclesiásticas, p. 58, Henrique Henriques de Noronha, ano de 1722, manuscrito cuja cópia se encontra na BMF.
- 36 *Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu Térmo*, 4º v., p. 229, Júlio A. Teixeira.
- 37 Ob. Cit.
- 38 *A doida do Candal*, Camilo Castelo Branco.
- 39 Dos nobiliários, nomeadamente do Conde de Dom Pedro, do Visconde de Sanches de Baena, de Júlio A. Teixeira, etc.
- 40 *Memórias Seculares e Eclesiásticas*, p. 5, manuscrito por Henrique Henriques de Noronha, 1722.
- 41 *Crónica da Guiné*, Gomes Eanes de Zurara.
- 42 *Livros das Ilhas*, Torre do Tombo, Lisboa.
- 43 *História Insulana*, Padre António Cordeiro (1717).
- 44 *Arquivo Literário*, p. 106 Ilha da Madeira - curiosidades históricas 1418 a 1580, J.B. da Câmara.
- 45 *Crónica da Guiné*, p. 21, Edição da Livraria Civilização 1937, Gomes Eanes de Zurara.
- 46 Idem, idem, p. 127.
- 47 *Anais da Marinha Portuguesa*, Lisboa 1839, Tomo 1, p. 150, Inácio da Costa Quintela.
- 48 *Livro 12, f. 6 V. 4º Diplo.*, 17 Fevereiro 1452, da Chancelaria de Dom Afonso V. Torre do Tombo, Lisboa.
- 49 1º Livro do Tombo da Matriz de Machico, p. 67, *O Arquipélago da Madeira Terra do Senhor Infante*, p. 50-51, Pita Ferreira.

Synopsis

After a study of the name and the coat of arms of Tristão Vaz Teixeira, it is possible to deduce, with the help of tradition and some documents, his filiation to some of the Vascos Teixeiras that lived in the late 14th century. The birth of the first Captain of the Donatory probably dates from that time.

Résumé d'auteur

Après une étude du nom et du blason de Tristão Vaz Teixeira, nous pouvons déduire, aidés par la tradition et par plusieurs documents, sa filiation à certains des Vascos Teixeira, qui ont vécu à la fin du XIV ème siècle. La naissance du premier Capitaine Donataire de Madère date probablement de cette époque.

Da justificação de Nobreza de Vasconcelos ou,
Manuel Teixeira de Vasconcelos, Morgado da Penha de Águia,
em 14 de Fevereiro de 1631.

A.R.M.: "Familias"

Ornelas e Vasconcelos - Caixa 4 - 132

...o qual António Teixeira o Grande era
filho de Lançarote Teixeira e neto do 1º
Capitão da capitania de Machico e o dito
Lançarote Teixeira era irmão do 2º Capitão
Tristão Teixeira e assim procede ele
suplicante por linha direita masculina do
tronco do 1º Capitão Tristão o qual
procedia da casa de Vila Real que eram
fidalgos de cota de armas e ele suplicante
por parte de seu pai como procede de
fidalgos desta ilha da Madeira e como tal
serve na dita vila de capitão acudindo em
todas as ocasiões que se oferecem do
serviço de sua Majestade..."

... o qual António Teixeira o Grande era
filho de Lançarote Teixeira e neto do 1º
Capitão da capitania de Machico e o dito
Lançarote Teixeira era irmão do 2º Capitão
Tristão Teixeira e assim procede ele
suplicante por linha direita masculina do
tronco do 1º Capitão Tristão o qual
procedia da casa de Vila Real que eram
fidalgos de cota de armas e ele suplicante
por parte de seu pai como procede de
fidalgos desta ilha da Madeira e como tal
serve na dita vila de capitão acudindo em
todas as ocasiões que se oferecem do
serviço de sua Majestade..."

Da justificação de Nobreza de Manuel de Vasconcelos ou , Manuel
Teixeira de Vasconcelos , Morgado da Penha de Águia, em 14 de
Fevereiro de 1631.

A.R.M. : "Familias"

Ornelas e Vasconcelos - Caixa 4 - 132